

## Literatura Negra como Literatura Marginal: Brasil, 1980

Mário Augusto Medeiros da Silvar<sup>1</sup> (UNICAMP)

### Resumo:

*A análise da produção literária de autores negros focou sempre o modo como tal confecção artística espelharia a visão social de mundo daquele grupo, em épocas distintas. E, simultaneamente, observou como autores negros e não-negros, ao longo da história literária brasileira, utilizaram o grupo negro fosse para reforçar, criar ou negar estereótipos sociais a eles atribuídos. Esse tipo de análise compreende as décadas de 1940 a 80. Nesta comunicação, propõe-se a discussão do que se está chamando de um novo padrão analítico, em que a idéia de Literatura Negra é debatida também pelos seus produtores: poetas e ficcionistas negros, afora cientistas sociais e historiadores da literatura. Este debate se situa ao fim dos anos 1970 e trata da Literatura Negra como uma literatura marginal, com sentido bem específico para a época, influenciando também a discussão teórica de especialistas, como igualmente antecipa (minha hipótese) questões contemporâneas do movimento de Literatura Marginal, do final dos anos 1990.*

**Palavras-chave:** Literatura e Sociedade, Brasil-Negros-Literatura, Literatura Negra, Marginalidade Social, Literatura Marginal.

### Introdução

Estudada, nas Ciências Sociais e História da Literatura Brasileira, por autores como Roger Bastide (1973), Florestan Fernandes (1961), Octavio Ianni (1988), David Brookshaw (1983), Zilá Bernd (1987, 1988), Miriam Garcia Mendes (1982, 1993) etc., a análise da produção literária de grupos negros focou sempre o modo como tal confecção artística espelharia a visão social de mundo daquele grupo, em épocas distintas, exprimindo suas expectativas, suas denúncias, suas vivências com o preconceito e discriminação racial, negritude, seus impasses, questões políticas etc. Inicialmente, a pesquisa se iniciava pela análise dos estereótipos sociais atribuídos ao negro, especialmente aqueles decorrentes do período escravocrata (GOMES, 1988; FRANÇA, 1998). Esse padrão analítico se estende da década de 1940, com os ensaios pioneiros de Roger Bastide (sobre a poesia afro-brasileira e a imprensa negra paulista) e segue até os anos 1980, com a análise de David Brookshaw. E, fundamentalmente, a análise se dava acerca da poesia negra ou poesia afro-brasileira. Ou, no caso de Miriam Garcia Mendes, sobre a presença do negro no teatro brasileiro, como personagem ou criador.

Tem-se uma interessante contribuição com Brookshaw, pois o autor analisa também a emergência de romancistas e contistas negros brasileiros, surgidos em meados da década de 1940: Raimundo de Souza Dantas (1944), Ruth Guimarães (1946), Romeu Crusoé (1951), Anajá Caetano (1966), Nataniel Dantas (1969) e Oswald de Camargo (1972). Ocorre, então, uma primeira guinada analítica na produção negra, no que diz respeito à questão da forma literária empregada para discutir os protocolos criativos dos escritores e suas visões sociais de mundo.

Todavia, seria somente na década de 1980 que a voz do autor negro se faria ouvir de sua própria boca. A reavaliação da produção literária negra se amplia em função da rearticulação, na década anterior, dos movimentos negros. No plano da crítica, passa-se a discutir, então, a forma como o negro se expressou pelas letras, fosse na reavaliação da Imprensa Negra Paulista (FERRARA, 1986); da sua constituição interna e articulação internacional com outras literaturas do mundo negro (BERND, 1987); ou da sua presença no teatro brasileiro (MENDES, 1983 e 1993).

Além disso, em 1978, surge a série **Cadernos Negros**, em São Paulo, aglutinando a produção poética e em prosa de escritores negros em todo país. A fundação dos **Cadernos** foi realizada por Cuti, Oswald de Camargo, Abelardo Rodrigues, Paulo Colina e Mário Jorge Lescano. Mais tarde,

o grupo fundador se altera, com a criação do Quilombhoje, que se torna responsável pela edição dos Cadernos, em 1983. É justamente a partir desse ponto que esta comunicação tratará, em razão de um documento produzido num **I Encontro de Ficcionalistas e Poetas Negros**, em São Paulo, que deu origem ao livro **Criação Crioula, Nu Elefante Branco**.

## **1 A Discussão da Marginalidade Histórica da Literatura Negra: Anos 80**

Apesar do interesse demonstrado por críticos, sociólogos e historiadores, **a produção literária negra, assim como sua imprensa ou teatro, sempre foi uma produção marginal**, cujo alcance, com raras exceções, extrapolou a fração do grupo no qual ela se originou. Neste sentido a Literatura Negra Brasileira, de seu surgimento e ao longo do século XX, deve ser considerada marginal em sua forma **produtiva** (no que tange aos recursos), **distributiva** (enquanto acesso a um público) e de **consumo** (referente à recepção) dessas manifestações em seus respectivos sistemas culturais de atuação. A **marginalidade**, por analogia, portanto, é **constituente** dessas produções e **sistêmica**, tal qual a definição de **sistema literário**, operada por Antonio Candido (CANDIDO, 1975).

Este é um debate que vinha sendo feito entre os novos escritores negros, surgidos na década de 1970. Tanto que os Cadernos Negros surgem de uma maneira diferente da produção tradicional literária: é um esquema cooperativo, que cada autor cotiza os custos da elaboração dos livros. Veja-se, por exemplo, como alguns aspectos dessa temática foram discutidos no **Encontro Nacional Afro-Brasileiro**, realizado no Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA), da Universidade Cândido Mendes, entre 29 de julho e 1º de agosto de 1982, publicado pela revista **Estudos Afro-Asiáticos**. A sessão se chamou **Literatura Afro-Brasileira Pós-70**. Os expositores publicados são, majoritariamente, membros do Quilombhoje/Cadernos Negros (Cuti, Oubi Inaê Kibuko, Estevão Maya-Maya), antigos poetas (Carlos Assumpção, Eduardo de Oliveira) e um novo escritor (Edu Omo-Oguiam). No texto de Kibuko, a idéia da marginalidade sistêmica na Literatura Negra fica evidente:

A Literatura afro-brasileira está sendo desenvolvida em condições financeiras, bibliográficas e editoriais precárias. É uma literatura feita mais na raça, no muque, pois os escritores negros brasileiros, devido à falta de apoio cultural, subvencional, a realizam segundo suas condições financeiras, ou seja, autofinanciamento a publicação dos seus trabalhos, poupando alguns trocados dos seus míseros salários. A maioria deles é composta de trabalhadores e em alguns casos também de chefes de família ou trabalhadores-estudantes, que estão no banco escolar mais pela necessidade de obter um diploma para conseguir um cargo e um salário melhor, sem esquecermos também das mulheres, que, se não são trabalhadoras, são donas-de-casa, estudantes, mas sem mesada mensal, etcéteras. Vamos encontrar entre os principiantes contemporâneos alguns aspectos comuns: a necessidade de pôr pra fora a raiva, a sede de respirar livremente, as pressões psicológicas sofridas no dia-a-dia, ou seja, repressão policial, desemprego ou pressão patronal ou de chefia, falta de material didático sincero nos bancos escolares, direitos civis, humanos e etcétera e até mesmo o pessimismo que “os senhores brancos” nos injetaram nesses quatro séculos de trabalho servil em terras brasilíndias, hoje denominadas brasileiras (KIBUKO, 1983. p. 220)

Entretanto, se a década de 1970 pode ser lida como um momento de retorno à baila da confecção literária para o grupo negro – coincidindo com a reorganização do meio negro, desestabilizado desde o golpe civil-militar de 1964, nos principais centros do país – também é um momento de repensá-la, em termos de forma, conteúdo, produção, distribuição e recepção. O encontro no CEAA é o primeiro de uma série, protagonizado pelos escritores negros nos anos 80, com esse mesmo tom. Infelizmente, pelas normas de espaço para este texto, não é possível analisá-los em profundidade. Mas vale citar que a Literatura Negra não cessaria de se refletir e ser repensada por estudiosos. No plano da auto-análise, em 1985, o Conselho de Desenvolvimento e Participação da Comunidade Negra de São Paulo publica o livro **Reflexões: sobre a literatura afro-brasileira** (QUILOMBHO-

JE, 1985), de autoria do coletivo Quilombhoje. A origem do livro está na “Noite da Literatura Afro-Brasileira”, realizada durante o III Congresso de Cultura Negra das Américas, em 1982, na PUC-SP. Ali foi lançada uma antologia pequena de textos, com 80 exemplares, de forma apostilada. O Conselho da Comunidade Negra, afirma na apresentação do livro, que a publicação era uma forma de reconhecimento do Quilombhoje no campo literário, bem como uma forma do movimento negro se manifestar de maneira livre e independente.

Se **Reflexões** é uma obra coletiva do Quilombhoje, com uma base discursiva relativamente homogênea e distribuída entre debates teóricos e depoimentos de um cotidiano do [escritor] negro, a próxima coletânea de texto a ser analisada é um exemplo de multiplicidade de visões, por vezes conflitantes, sobre a confecção literária negra. Parte-se, no entanto, do princípio que ela exista – e há muito tempo – expressa pela concretude de sua produção. Não à toa, a capa de **Criação Crioula, Nu Elefante Branco** é a disposição aleatória de vários livros de poetas e prosadores negros, iniciando-se com autores do século XIX até a contemporaneidade de 1985. Criação Crioula é o resultado do **I Encontro Nacional de Poetas e Ficcionalistas Negros**. Publicado pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, em 1987 e realizado entre 06 e 08 de setembro de 1985, na Faculdade do Ipiranga, na capital paulista. As motivações para o encontro, segundo sua Comissão Organizadora, seriam as seguintes:

É de 1983/84 a idéia de realização de um encontro de escritores Negros de âmbito nacional. Era necessidade de se fazer uma avaliação profunda da Produção Literária Negra recente e seu redimensionamento com a produção do passado – Luiz Gama, Cruz e Sousa, Machado de Assis, Lima Barreto, Lino Guedes, Solano Trindade e outros. Pretendia-se também a revisão crítica do caráter etnocêntrico da indústria cultural traduzida em “bloqueio editorial” ou em solidariedade “negrófila”. Outro objetivo era o de situar essa mesma produção dentro dos espaços explosivos dos movimentos políticos Negros de hoje no Brasil. Estas foram algumas das principais motivações do Encontro. As articulações datam precisamente de 1984, quando os grupos Quilombhoje (São Paulo) e Negrícia (Rio de Janeiro) aventaram a possibilidade de se reunirem para discussão de propostas e perspectivas da Literatura Negra no Brasil. [...] Na ocasião do evento intitulado Perfil da Literatura Negra: Mostra Internacional, em São Paulo, no mês de abril/1985, houve uma reunião/almoço na qual estavam presentes 17 escritores dos estados de São Paulo (Arnaldo Xavier, Míriam Alves, Cuti, Zenaide, Valdir Floriano, Abelardo Rodrigues, Oswaldo de Camargo, Oubi Inaê Kibuko e Roseli Nascimento), Rio de Janeiro (Selma Maria da Silva, Éle Semog e Hermógenes Almeida S. Filho), Bahia (Jônatas C. Da Silva e Edu Omo Oguiam) e Rio Grande do Sul (Oliveira Silveira e Paulo Ricardo de Moraes). (CRIAÇÃO CRIOULA, 1987. p. 05)

Dada a multiplicidade de temas e autores em **Criação Crioula**, tentar-se-á perseguir aqui três elementos sempre articulados, mais frequentes e melhor desenvolvidos em todos eles: 1) **o problema da marginalidade da Literatura Negra**; 2) **o relacionamento com o Estado**; 3) **e a questão da qualidade**. Todos os 20 textos, com maior ou menor empenho, farão uma recuperação de prosadores e poetas negros ao longo da história literária, ressaltando-lhes ou denunciando-lhes aspectos positivos e negativos. O momento político da Nova República e a situação de diferentes movimentos negros neste contexto também é algo que não escapa à maioria das reflexões. No entanto, vale atentar que os acontecimentos políticos sintetizados em 1984 não sofrem uma análise mais detida por parte desses escritores.

No que diz respeito à Literatura, entretanto, o texto de Hermógenes Almeida S. Filho, “Reflexão sobre a Literatura Negra na Realidade Política Brasileira”, a problemática da marginalidade produtiva da Literatura Negra situa-se tanto em relação à ausência de fomento estatal, como em relação ao momento em que a forma marginal de se fazer poesia, especialmente no Rio de Janeiro, estava em voga. Neste último caso, observe-se que as interpretações consagradas sobre **Poesia**

**Marginal dos Anos 70**, a chamada **Geração do Mimeógrafo** (de Carlos Alberto Messeder Pereira e Heloísa Buarque de Hollanda, notadamente), desconhecem absolutamente a poesia negra ou não a consideram naquele movimento. O que afirma o autor do artigo sobre esta questão é o seguinte:

A produção literária negra procurou formas alternativas como impressão de poemas em mimeógrafo e xerox, sendo estes trabalhos distribuídos em filas de teatro, cinemas, shows etc., sempre a preços módicos, pois o autor não gastava muito e o que mais lhe interessava era veicular sua poética. [...] Em seguida, veio uma nova safra, tendo de um lado a turma da classe média, ligados à revista “Anima” e “Música do Planeta Terra”, esta última editada por Júlio Barroso (suicidou-se recentemente em São Paulo) e ao grupo de artistas denominados “Nuvem Cigana”; de outro lado, a turma proletária, publicou as antologias: “Ebulição da Escrivatura”, no Rio de Janeiro, e a “Antologia Contemporânea de Poesia Negra Brasileira”, organizada pelo poeta Paulo Colina, de São Paulo. [...] Mas estas produções, tanto da turma classe média das quais destaco a poesia de Chacal, quanto da turma proletária, dos quais destaco os nomes de Salgado Maranhão pelo Rio de Janeiro e Cuti por São Paulo, tiveram de enfrentar os preconceitos e o capitalismo selvagem das editoras [...] (FILHO, 1987. p. 46)

Essa equiparação à **Geração do Mimeógrafo** não é descabida, ao menos na forma produtiva. Como se pode observar da bibliografia de todos os autores dessa coletânea e dos que eles citam (ou são citados em outros trabalhos), com contáveis exceções, todos os livros dos escritores negros são **edições do autor**, auto-financiadas, publicadas, distribuídas e consumidas limitadamente, sobre as quais poucos leram ou ouviram falar. Nesse cenário, que como afirmaria a poetisa Marise Tietra [Maria Helena do Nascimento Araújo], para a história contextual da Literatura Negra, “Cumpra não perder de vista suas profundas raízes sociais, que a distinguem dos movimentos apenas estéticos ou ditados preponderantemente pela dialética interna dos meios de expressão artística. Delineia-se uma literatura de cunho cultural popular onde a mulher discute a mulher, o negro o negro, o homossexual o homossexual” (TIETRA, 1987.p. 52), a possibilidade de acesso e ventilação a um grande público permaneceria interdita, por questões estruturais:

Podemos concluir que os papéis inverteram-se na nação, considerando que a condição da maior parte da população brasileira é a marginalidade[...] Junta-se a isso o fato de: uma nação de mais de cem milhões de habitantes fazer apenas 10% (dez por cento) de leitores; a crescente e incômoda presença das editoras estrangeiras, verdadeiras multinacionais da área livreira, lançando best-sellers de péssima qualidade; as impossibilidades de lançamentos de novos escritores e inclusive a circulação mais ampla dos já consagrados ou reconhecidos. Portanto, em face de tantas barreiras e dificuldades, resta aos novos escritores, em especial aos poetas, continuar optando pelas chamadas edições marginais ou independentes, que possibilitam a saída para a publicação e um planejamento artesanal cuidadoso ou ao menos criativo, abrindo em certo grau a desierarquização da poesia. (TIETRA, 1987.pp. 53-54)

A militância ativa da palavra dos coletivos de escritores seria, então, uma saída encontrada para driblar um pouco aquele círculo vicioso da marginalidade literária. Deley de Acari [Wanderlei da Cunha], membro do extinto coletivo carioca Negrícia, apresenta alguns exemplos dessa tentativa daquele grupo, o que lhe permite criticar uma certa tendência pequeno-burguesa da Literatura Negra, bem como de frações do Movimento Negro, não nominadas em seu texto, onde o discurso literário é endógeno de uma classe média intelectualizada e aparentemente progressista. É o que relata ao recuperar que no início dos anos 1980,

[...] Na última Noite da Beleza Negra promovida pelo grupo Afro Agbara Dudu, Rio de Janeiro, o Negrícia abriu a festa recitando, durante 30 minutos, poesias para 1600 pessoas.[...]Um recital de poesias bem dirigido e bem coordenado, alternando poemas e músicas, leva a obra poética onde o livro não pode levar, aos ouvidos e às

consciências da maioria negra marginalizada, analfabeta, mas culta em sua cultura de oprimido nas favelas, presídios e escolas municipais[...] Quando um poeta diz seu texto num presídio, escola ou associação de moradores de favela, ele não precisa se perguntar angustiado se seu “leitor” é analfabeto ou não. Ele tem certeza que será lido e entendido e, se não for entendido, será perguntado no mesmo momento da leitura.[...]. (ACARY, 1987.pp.70-71)

O trabalho de J. Abílio Ferreira traz outros pontos interessantes para discussão. Como, por exemplo, sobre a invisibilidade, para a crítica especializada, da experiência negra em momentos recentes da história cultural e política brasileira, reafirmando mais uma vez sua marginalidade:

[...]Os anos 70, então, presenciaram a explosão da comunidade negra, representada por entidades culturais e políticas, pelo ressurgimento da imprensa negra e pela proliferação de escritores financiando seus próprios livros. Esta década assistiu também ao início do que se aprendeu a chamar de processo de abertura, que deu condições para que as vozes negras se levantassem contra a discriminação racial nacional e internacional; vozes que, durante todo o tempo, com certeza, estiveram se manifestando de diversas formas, sufocadas, sem condições de aflorar.[...] A imprensa negra que começava a ressurgir não suportou (ou não soube lidar com) o espírito empresarial que hoje determina o tempo de sobrevivência de qualquer empreendimento que se queira levar avante – merece aqui uma digressão que diz respeito à situação do que ficou conhecido como imprensa alternativa, maneira de fazer jornalismo que trouxe à baila nomes como “Pasquim”, “Movimento”, “Opinião”, jornais que, com exceção do primeiro, não conseguiram sobreviver, do mesmo modo que a imprensa negra, que faz parte desta fase importantíssima e que merecia ser citada nos textos sobre jornalismo de resistência; o jornal Capoeira e o Jornegro entre outros, porém jamais aparecerão nos compêndios de história sobre o tema se da própria comunidade não brotar elementos interessados em reacender a chama[...] Os escritores negros – que a um só tempo são editores, divulgadores e vendedores de seus livros – no entanto, permanecem persistentes, produzindo uma literatura que deverá amadurecer, porque deverá, como neste encontro, discutir a si própria em busca de caminhos sólidos e influentes[...] (FERREIRA, 1987.pp.76-77)

Essa invisibilidade histórica é muito bem retomada por Míriam Alves, poetisa e colaboradora perene dos Cadernos Negros/ Quilombhoje. A crítica recai aqui sobre um aspecto da esquerda política, momento de clandestinidade, exílio e produções marginais também para o grupo negro. Para a historiografia da esquerda do período, a experiência negra é ausente desse processo, ou subsumida na de cunho mais geral. A Literatura, o Teatro, a Imprensa Negra, então, seriam **atos políticos de memória**, para a autora, face às injustiças históricas. Em seus dizeres:

[...]Ressalto nesta produção o ato político. Falo em atitude política não para designar passeatas de ficcionistas e poetas negros, exigindo seus direitos à publicação e circulação, exigindo a criação livre, permeada por sua vontade e inspiração, ou ainda exigindo reconhecimento dos órgãos públicos (secretaria disto ou daquilo), ou ainda reclamando suas entradas nos bares acadêmicos fechados (livrarias e editoras), onde somos literalmente barrados e discriminados por trás de discursos de má qualidade, sublitteratura e desinteresse dos leitores. Não é deste ato político, que não fizemos, que falo. Falo do ato político que praticamos, escrevendo-nos em nossa visão de mundo.[...] Nos tempos não tão idos assim, todos nós brasileiros criadores de artes éramos obrigados a esconder nossa criação na gaveta e nos tornarmos artistas gaveteiros, ou desengavetar e tornarmo-nos exilados. Neste tempo, a nossa produção de negros artistas engavetou-se. Mais tarde, desengavetou-se na forma de livrinhos mimeografados, distribuídos nos botecos da vida, onde a esquerda tramava a revolução cultural. Aí nossos livrinhos foram recusados várias vezes (a esquerda nos olhava com seus olhos canhestros).” (ALVES, 1987. p. 84)

E aqui se enceta, em Criação Crioula, o debate sobre a qualidade literária da produção negra. **Qualidade** esta associada à sua marginalidade, criando uma espécie de círculo concêntrico cada vez mais fechado. A idéia de alguma espécie de peneiramento de textos, uma crítica pelos pares, é rejeitada pela autora, por não estreitar alianças. E passa a ser lida, tal idéia, como uso interno da arma do mercado editorial reacionário, para não se publicar a confecção literária negra. Se Alves faz essa crítica com extrema elegância, o mesmo não pode ser dito da discussão do assunto por Arnaldo Xavier. Num texto dividido por diferentes tópicos e marcado graficamente por uma tentativa de expressão inovadora, o autor afirma a certa altura que:

[...]. O Manifesto do Triunvirato, subtítulo “O escritor negro no Brasil – Quem é ele?”, subscrito por Paulo Colina, Oswaldo de Camargo e Abelardo Rodrigues, lançado por ocasião do livro “O Estranho”, de Oswaldo, é um documento de índole excludente que tinha direção certa: o Quilombhoje. O receituário do Triunvirato reza em torno de seu próprio umbigo e, da pretensão de escola, reconhece nas “agruras”, “esperanças” e “alma lírica” as únicas fontes repertoriais da Literatura Negra como caminhos do fazer literário, calcado nas lições do passado - “dos mestres” - e de um pessimismo pedante em relação à inflação de poetas Negros... de Negros escrevendo. Elitismo à parte, o Manifesto do Triunvirato busca apontar para procura de novas idéias, novos rumos. E assim se coloca como auto-exemplo ao exaltar o livro “O Estranho” de um dos subscritores[...] o que só evidencia uma teoria diferenciada da prática e de uma contradição na forma de resgatar o passado, como está refletido no referido livro, resultado de leitura mal digerida de Cruz e Sousa, uma poesia obscurantista e sub-simbolista, o que realmente os diferencia por Obra y Graça[...] (XAVIER, 1987.pp. 94-95)

A não consolidação do debate sobre a avaliação de qualidade literária dessa confecção cultural restaria como impeditivo para que o desejo de um veterano poeta negro gaúcho, Oliveira Silveira, permanecesse indefinido: “Vamos criar uma editora, se possível. Vamos reforçar nossas conquistas, por mínimas que sejam” (SILVEIRA, 1987.p.88). Se o discurso ideológico de uma produção literária como arma de denúncia do racismo, de recuperação histórica e evidenciação das particularidades do ser-negro-no-mundo é quase unânime, o mesmo ainda não poder ser dito, neste momento, de sua faceta estética. “Entretanto, contra todas as expectativas, somos potentes, capazes e pensantes. Portanto, bem sucedidos” (SILVA, 1987.p.114), é o que afirma Zenaide Silva, uma das autoras da coletânea. O espírito do encontro parece estar resumido nesta frase. O **elefante branco** posto a nu, saindo de sua estereotipia de ser inútil ou de algo sem grande importância. Apesar da precariedade produtiva e distributiva, do consumo limitado e insuficiente, da invisibilidade. Destarte, a assunção da idéia da Literatura Marginal torna-se cada vez mais forte entre aqueles escritores, revelando posições que somente se iriam concretizar nos dias correntes, ao fim dos anos 1990 e com sentido algo alterado. Fica claro isto no argumento de Kilamba,[Adivair Augusto Francisco], poeta paulista:

Dentro da indústria cultural brasileira, a nossa literatura é designada de duas formas: desempregada e quando não subempregada. Como fazer parte de um mercado cultural hipócrita, ostentando nas costas tal peso? Fica muito difícil ou quase impossível. No entanto, para combater isto, só nos resta lutar no seio da comunidade negra e juntamente com a mesma criar nossa própria indústria cultural e nosso próprio mercado cultural, com nossa própria linguagem, sem deixar a luta para adentrar na indústria e no mercado cultural deles, para que o quanto antes possamos encontrar mais e mais caminhos na busca de mudanças práticas que visem somente uma realidade que só nós conhecemos muito bem. (KILAMBA, 1987.pp.126-127).

Estar à margem, aparentemente não-incluso, é sinônimo para alguns de liberdade extrema, já que, como explicita Oubi Inaê Kibuko, “Tudo o que fazemos de forma contrária às regras ditadas pelas classes dominantes termina ficando escondido no porão da ignorância” (KIBUKO, 1987.p.

135). E é isto que permite, dentro do raciocínio o escritor, não querer sofrer qualquer tipo de apreciação minuciosa, confundida, no momento, com censura ou patrulhamento ideológico, na sua briga com o Triunvirato:

[...] Já não basta os problemas enfrentados por nós para editar e veicular um livro e ainda temos que brigar e desmitificar um preconceito às avessas: de negro pra negro. E isto, a meu ver, ocorre devido a frustração dessas pessoas não estarem bebendo o leite das bestas sagradas e comendo a grama da consagração no pasto da Academia Brasileira de Letras e vestidos com o fardão da hipocrisia. Mas há uma satisfação que nos podemos deleitar, apesar que ela está correndo um certo perigo: é a de podermos editar nossos textos nos Cadernos Negros sem crivo editorial ou patrulhamento ideológico.(KIBUKO, 1987. p.139)

Todavia, não há consenso na coletânea sobre o fato da marginalidade literária ser algo completamente positivo. Ela é, em larga medida, apenas a expressão direta da situação de grande parte do seu grupo social de origem. É nestes termos que há uma separação entre aquela Geração do Mímógrafo e esses poetas. Aqueles optam pela marginalidade sobretudo por questão estilística formal ou estilo de vida. No caso da Literatura Negra, o problema é de natureza histórico-sociológica, em seu cerne. Neste sentido que, para alguns poetas, o vislumbre da organização da atividade editorial ou fomento estatal não é demonizado por princípio. Subjaz a problemática do reconhecimento social e literário, como forma estratégica de sobrevivência de um projeto a longo prazo. Nas palavras de Éle Semog [Luiz Carlos Amaral Gomes], então membro do coletivo Negrícia:

A necessidade de nos agregarmos em grupos como o Quilombhoje, Palmares, Capoeirando, Negrícia, respondeu por um período pelos livros coletivos, pelas antologias. Esta prática tem que evoluir, porque o discurso do Estado mudou. É inconcebível que os trabalhos coordenados pelo Quilombhoje sejam financiados pelos próprios autores, após oito persistentes anos de prática e produção literária. É um despropósito da cultura nacional e para o povo brasileiro que a República Popular de Angola reconheça e financie o trabalho de 50 poetas brasileiros (livro Tetos de Aurora nos Punhos), de diversos Estados do Brasil, dentre os quais Oliveira Silveira, Oswaldo de Camargo, Cuti, Paulo Colina, José Carlos Limeira, Delei de Acari, Míriam Alves. Embora com grossura da omissão do nome de outros escritores, são nomes que sem dúvida alguma deveriam constar no planejamento anual dos senhores escritores[...] Ora, estamos no Primeiro Encontro de Escritores Negros, em São Paulo, somos os próprios, e daqui teremos que arrancar soluções diferentes de nossa prática de militantes do Movimento Negro e das entidades negras. Nesse encontro temos que criar uma entidade de atuação nacional e internacional que não seja menor que um Centro Brasileiro de Literatura Negra, ou um 'instituto', ou uma 'união'. Esta entidade deve agregar os escritores negros, financiar e distribuir as suas obras, resguardados, evidentemente, alguns princípios inerentes à literatura universal e à dignidade dos povos.[...] Se por um lado carecemos de um Centro, um Instituto, por outro, mais urgente, carecemos também de uma editora e de uma gráfica.(SEMOG, 1987.pp. 142-145)

Por fim, um dos coordenadores nacionais do encontro e membro fundador do Quilombhoje/Cadernos Negros comparece com o trabalho “Fundo de Quintal nas Umbigadas”. O texto de Cuti faz o balanço histórico da produção literária negra no começo da década de 80; apresenta aquelas que seriam as três fontes matriciais da Literatura Negra, expostas em Cruz e Sousa, Lima Barreto e Machado de Assis; confere uma discreta espicaçada à produção recente de Paulo Colina, Eduardo de Oliveira e Oswaldo de Camargo, cujos prefácios dos livros por Tristão de Athayde e Gilberto de Mello Kujawski (no caso dos dois últimos, respectivamente) iriam de encontro com o que os escritores negros tentavam fazer naquele momento, tentando contê-los para não protestar, na sua opinião. O resultado disso em sua argumentação é que:

Quando legitimaram Carolina de Jesus, legitimaram um horizonte para o negro na literatura brasileira. Escrever como se fala, cometer erros de ortografia e fazer do naturalismo jornalístico a razão de ser da nossa arte. A própria Carolina chegou a reclamar quando alguém a repreendeu por estar ela perdendo a “autenticidade” com o uso de certas palavras “difíceis”[...] Nenhuma legitimação é apenas estética. No mais das vezes é ideológica.[...] O que fizemos (livros autofinanciados) sem depender de paternalismo de ninguém já animou a vida literária entre negros. (CUTI, 1987.p.155-156)

E é nesse contexto de animação de uma vida literária que o escritor negro depara-se, novamente, em sua visão, com a necessidade de equacionar seu tema e não estereotipar-se enquanto autor. E lidar, simultaneamente, com o sistema literário brasileiro, que mesmo em suas vertentes mais progressistas, ainda não abria à época via de acesso facilmente à confecção literária negra:

Um escritor negro certa vez contou-me que a recusa de uma editora aos seus originais prendia-se ao argumento de não terem parâmetros para julgar seu trabalho, por ele ser negro. Ouvi também de uma mulher, que se dizia editora de livros, a declaração pública sobre o fato da literatura de negros fugir à linha editorial de sua empresa por não se adaptar à sua clientela. Em carta-resposta, de 18/8/1980, à apresentação dos originais do meu livro *Batuque de Tocaia*, o editor Ênio Silveira assim se expressou: “V. Sa. se propõe ser um poeta da negritude, mas só consegue exprimir sua revolta, que o leva, embora o negue, a uma outra forma de racismo, contra o branco.”(CUTI, 1987.pp.157-158)

## **Conclusão**

Reforçando o que já escrevi linhas atrás, a marginalidade literária da produção negra não é uma opção estilística formal, ato contracultural, estilo de vida ou expressão de vanguarda, neste momento. Está mais para indissociabilidade de uma produção literária à situação de seu grupo cultural, como ensina Antonio Candido. Na argumentação de Cuti, o coroamento de tal fato é expresso nas incômodas questões que principiam o fim de seu texto: “O que dizer da senzala, da favela, do cortiço, do alagado e dos conjuntos apertadinhos do BNH? Quem pôs a gente lá?” (CUTI, 1987.p.158) Dessa forma, os escritores negros surgidos ao fim da década de 1970 e desenvolvendo seus trabalhos ao longo dos anos 1980 antecipam questões presentes hoje no movimento de Literatura Marginal, das periferias do país. Embora naquele momento não tivessem condições de resolver, efetivamente as condições precárias em que se desenvolvia a produção da Literatura Negra, propuseram questões que somente hoje têm sido assumidas e questionadas pelos movimentos de literatura surgidos nas grandes periferias do país, especialmente desde meados da década de 1990: a necessidade do reconhecimento social, a assunção do lugar e da condição de onde se fala (até mesmo para negá-lo), a necessidade de um meio eficaz de produzir a ligação entre a confecção literária e seu público-ideal (literatura negra e grupo negro; literatura periférica e leitores periféricos), o debate sobre a qualidade literária dessa produção, seus limites e alcances.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] ALVES, Míriam. “O Discurso Temerário” In: *I Encontro de Poetas e Ficcionistas Negros Brasileiros* (org.). Criação Crioula, Nu Elefante Branco, São Paulo: Imesp, 1987
- [2] ACARI, Deley de. “Movimento Negro e Educação” In: *I Encontro de Poetas e Ficcionistas Negros Brasileiros*. Criação Crioula, Nu Elefante Branco, São Paulo: Imesp, 1987
- [3] BASTIDE, R. *Estudos Afro Brasileiros*, São Paulo: Perspectiva, 1973
- [4] BERND, Z. *Introdução à Literatura Negra*, São Paulo: Brasiliense, 1988.



- [5] BERND, Z. *Negritude e Literatura na América Latina*, Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- [6] BROOKSHAW, D. *Raça & Cor na Literatura Brasileira*, Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983
- [7] CAETANO, A. *Negra Ifigênia*, São Paulo: Edicel, 1966
- [8] CAMARGO, O. *O Carro do Êxito*, São Paulo: Martins, 1972
- [9] CANDIDO, A. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*, 5a. ed., São Paulo, EDUSP/ Belo Horizonte: Itatiaia, 1975
- [10] CRUSOÉ, R. *A Maldição de Canaã*, São Paulo: Irmãos Di Giorgio e cia, 1951
- [11] CUTI. “Fundo de Quintal nas Umbigadas” In: *I Encontro de Poetas e Ficcionistas Negros Brasileiros(org.)*. Criação Crioula, Nu Elefante Branco, São Paulo: Imesp, 1987,
- [12] DANTAS, N. *Ifigênia está no fundo do corredor*, Rio de Janeiro: Gráfica Record, 1969
- [13] DANTAS, R. *Sete Palmos de Terra*, Rio de Janeiro: Vitória, 1944
- [14] FERNANDES, F. “Prefácio: A Poesia Negra em São Paulo”, In: CAMARGO, Oswaldo de. *15 Poemas Negros*, São Paulo: Associação Cultural do Negro, 1961.
- [15] FERRARA, M., *A Imprensa Negra em São Paulo*, São Paulo: FFLCH/USP, 1986.
- [16] FILHO, Hermógenes Almeida S. “Reflexões sobre a Literatura Negra na Realidade Política Brasileira” In: *I Encontro de Poetas e Ficcionistas Negros Brasileiros(org.)*. Criação Crioula, Nu Elefante Branco, São Paulo: Imesp, 1987
- [17] FERREIRA, J. Abílio. “A Formação de um conceito nacional” In: *I Encontro de Poetas e Ficcionistas Negros Brasileiros (org.)*. Criação Crioula, Nu Elefante Branco, São Paulo: Imesp, 1987
- [18] GOMES, H.T. *O Negro e o Romantismo Brasileiro*, São Paulo: Atual, 1988
- [19] FRANÇA, J. M. C. *Imagens do Negro na Literatura Brasileira (1584-1890)*, São Paulo: Brasiliense, 1998.
- [20] GUIMARÃES, R. *Água Funda*, São Paulo: Globo, 1946
- [21] IANNI, O. “Literatura e Consciência” In: *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 15, 1988, pp 208-217
- [22] KIBUKO, Oubi Inaê. “Cadernos Negros: Um reduto de escritores quilombolas desafiando um País, também literariamente racista” In: *I Encontro de Poetas e Ficcionistas Negros Brasileiros (org.)*. Criação Crioula, Nu Elefante Branco, São Paulo: Imesp, 1987
- [23] KIBUKO, Oubi Inaê. “Lamentos, Ressentimentos, Vingança... Ou um alerta de resistência e sobrevivência?”, *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 8-9, 1983, pp. 219-227
- [24] KILAMBA. “Intervenção dos Poetas e Ficcionistas Negros no Processo de Participação Política” In: *I Encontro de Poetas e Ficcionistas Negros Brasileiros (org.)*. Criação Crioula, Nu Elefante Branco, São Paulo: Imesp, 1987
- [25] MENDES, M. G. *A Personagem Negra no Teatro Brasileiro (entre 1838 e 1888)*, São Paulo: Ática, Col. Ensaios, vol. 84, 1982.
- [26] MENDES, M. G. *O Negro e o Teatro Brasileiro (entre 1889 e 1982)*, São Paulo: HUCITEC/ Rio de Janeiro: IBAC/ DF: Fundação Cultural Palmares, 1993.
- [27] PRIMEIRO Encontro de Ficcionistas e Poetas Negros (org). Criação Crioula, Nu Elefante Branco, São Paulo: Imesp, 1987.

- [28] QUILOMBHOJE. Reflexões: sobre a literatura afro-brasileira, São Paulo: Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra, 1985.
- [29] SEMOG, Éle. “A Intervenção de Poetas e Ficcionalistas Negros no Processo de Participação Política” I Encontro de Poetas e Ficcionalistas Negros Brasileiros (org.). Criação Crioula, Nu Elefante Branco, São Paulo: Imesp, 1987
- [30] SILVEIRA, Oliveira. “A Produção Literária Negra (1975-1985)” In: I Encontro de Poetas e Ficcionalistas Negros Brasileiros. (org.) Criação Crioula, Nu Elefante Branco, São Paulo: Imesp, 1987
- [31] SILVA, Zenaide Cecília P. da. “Reconciliação” In: I Encontro de Poetas e Ficcionalistas Negros Brasileiros. (org.) Criação Crioula, Nu Elefante Branco, São Paulo: Imesp, 1987
- [32] TIETRA, Marise. “Avaliação Crítica da Produção Literária dos últimos 10 anos” In: I Encontro de Poetas e Ficcionalistas Negros Brasileiros (org.). Criação Crioula, Nu Elefante Branco, São Paulo: Imesp, 1987
- [33] XAVIER, Arnaldo. “Dha Lamba à Qvizila – A Busca Dhe Hvma Expressão Literária Negra” In: I Encontro de Poetas e Ficcionalistas Negros Brasileiros. (org.) Criação Crioula, Nu Elefante Branco, São Paulo: Imesp, 1987

---

<sup>1</sup>

**Autor**

Mário Augusto Medeiros da SILVA, **Doutorando em Sociologia**  
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)  
E-mail: [marioaugustomed@yahoo.com.br](mailto:marioaugustomed@yahoo.com.br)